

O CORPO HOMOSSEXUAL E O REGIONALISMO UNIVERSAL EM *MEU TIO TÃO SÓ*

José Humberto dos Santos Santana¹

50

Resumo:

O presente trabalho se propõe a discutir, à luz da trama do conto *Meu tio tão só*, de Antônio Carlos Viana, inserido na obra *O meio do mundo e outros contos*, publicada em 1999, o modo como o corpo, supostamente, homossexual da personagem Bau é construído e controlado pelas normas regulatórias impostas pela sociedade heteronormativa contemporânea.

Palavras-chave: Corpo; Homossexualidade; Regionalismo.

dossiê temático:

CORPO

¹ Graduando em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: humbertosantana88@gmail.com



Se um homem se deitar com outro homem, como se deita com uma mulher, ambos praticaram uma coisa abominável. Devem ser condenados à morte. Seu sangue cairá sobre eles (Lev. 20:13).

(...) discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue (Judith Butler (PRINS; MEIJER, 2002)).

[INTRODUÇÃO]

O Ocidente, nesses últimos quatro mil anos da história humana, propagou com sangue, pedras, fogo e cruces a crença de que o amor e o erotismo entre pessoas do mesmo sexo constituíam o mais vil, sórdido e desonesto pecado, e que, por conta dele, Deus castigava a humanidade com epidemias, inundações e terremotos. Hoje, embora confiáveis pesquisas multidisciplinares assegurem que a homossexualidade (conjunto de ações, relações e situações praticadas entre pessoas do mesmo sexo) não constitui

“doença, desvio e transtorno sexual”, muitos cristãos que se consideram “iluminados” e “guardiões da moral” ainda atribuem a proliferação de doenças, sobretudo das sexualmente transmissíveis, ao castigo divino contra a revolução sexual, contra a normalidade da homossexualidade e a união estável (casamento) entre pessoas do mesmo sexo, corroborando, desse modo, o perpetuamento das abominações do Levítico, reforçadas pelo rigor incendiário da Santa

Inquisição, que condenava à morte os amantes homossexuais (MOTT, 2006).

Na literatura brasileira, a maior parte dos textos literários (do período Barroco, com alguns poemas satíricos de Gregório de Matos (1636-1696) ao Naturalismo, com *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha (1867-1897)), também retratam a temática da homossexualidade sob um viés moralista, religioso, estereotipado e preconceituoso, consonante aos contextos históricos e socioculturais em que foram produzidos. Esses textos tratam as relações homossexuais como “pecado”, “vício”, “doença”, “distúrbio”, “perversão”, “redução da personalidade aos instintos animais”, logo cumprem a função de gerar o riso na sátira, articulando humor e preconceito, bem como a de denegrir e diminuir a masculinidade daqueles em quem a sociedade heteronormativa (conjunto canonizado de regras, ações, relações e situações praticadas entre pessoas de sexos opostos) fixa o rótulo de “homossexual”.

Este estudo se propõe a discutir, à luz da trama do conto *Meu tio tão só*, de Antônio Carlos Viana², inserido na obra *O meio do mundo e outros contos*, publicada em 1999, o modo como o corpo, supostamente, homossexual da personagem Bau é

“enxergado” pela masculinidade hegemônica³, em uma cidade do interior ou em um povoado, possivelmente, do estado de Sergipe (BR), bem como o modo como tal corpo é construído e controlado pelas normas regulatórias impostas pela sociedade heteronormativa contemporânea.

O conto narra a trajetória de isolamento, medo, solidão e angústia de *Tio Bau*, um “solteirão” que, segundo a perspectiva das pessoas com as quais convivia, era um *gay* “incubado”, ou seja, um homossexual que não tinha coragem de “assumir” publicamente sua identidade de gênero. Não suportando as pressões sociais (a discriminação, a marginalização e o escárnio por parte da sociedade), tal personagem suicida-se: enforca-se em um cajueiro.

Será que o silêncio, o isolamento e o suicídio são os únicos mecanismos de defesa dos homossexuais contra as violências moral,

² Nascido em Aracaju – SE, é tradutor e professor universitário. Publicou três coletâneas de contos: *Brincar de manja* (Câtedra, 1974), *Em pleno castigo* (Hucitec, 1981) e *O meio do mundo* (Libra & Libra, 1993).

³ A masculinidade representa não um tipo determinado de homem, mas uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas. Nesse sentido, não consiste em uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos; são configurações de práticas realizadas na ação social e organizadas em relação à estrutura das relações de gênero. As masculinidades hegemônicas existentes empiricamente podem ser analisadas em três níveis: a) local: construídas nas arenas da interação face a face das famílias, organizações e comunidades imediatas; b) regional: construídas no nível da cultura ou do estado-nação, portanto são simbolicamente representadas por meio da ação recíproca de práticas masculinas locais específicas que têm significância regional; e c) global: construídas nas arenas transnacionais das políticas mundiais, da mídia e do comércio transnacionais (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 267).

psicológica, simbólica⁴ e física as quais estão constantemente submetidos? Contra a exclusão e violação de seus direitos? Será que o extermínio dos corpos homossexuais constitui um dos meios a que a masculinidade hegemônica aderiu para proteger-se da homossexualidade, na medida em que enxerga os corpos dos indivíduos que se relacionam sexualmente com pessoas do mesmo sexo como abjetos⁵, anátemas, “anomalias”? Objetivando discutir o modo como esses estereótipos relacionados aos corpos homossexuais são, socialmente, construídos e propagados, trabalharemos com Butler (2000) e Louro (2000).

O conto é narrado *in medias res* por um narrador testemunha: o sobrinho do protagonista. Sendo assim, conhece-se a trama através da perspectiva de uma criança que narra a morte, o velório e o sepultamento do tio; que descreve o desespero e sofrimento da mãe ao encontrar o irmão morto “com a língua

de fora, os pés suspensos no ar” (p. 26); os comentários maldosos que a sociedade tece acerca do comportamento do protagonista; o modo como as mulheres enxergam o corpo do tio: “as mulheres raspavam olho por certa parte do corpo dele, cochichavam entre si e depois engoliam a risada” (p. 28); e sua aversão ao “olhar” social: “por isso mesmo que nunca tive coragem de entrar nu nas águas do rio com os outros meninos” (p. 28), ou melhor, ao estereótipo de masculinidade hegemônica socioculturalmente estabelecido: quanto maior o pênis, maior a masculinidade do indivíduo.

Tendo em vista que o super-regionalismo constitui uma tendência que se nutre da tensão dialética entre o local (gosto pela expressão local e pelo sentimento do exótico) e o universal (ARAÚJO, 2008), tendência essa marcada pelo refinamento técnico que transfigura as regiões e subverte os contornos humanos, levando os traços antes pitorescos a se descarnarem e adquirirem universalidade (CANDIDO, 1987), esse trabalho também procura descrever, com base nos postulados de Araújo (2008) e Chiappini (1995), como se dá a transposição do regionalismo “pitoresco” no referido conto.

⁴ O conceito de violência simbólica descreve o processo pelo qual a classe que domina impõe sua cultura aos dominados. Essa violência se expressa através da imposição legítima e dissimulada da cultura dominante e da interiorização involuntária desta pelos membros da cultura dominada. Desse modo, o dominado, uma vez que não se percebe como vítima desse processo, não se opõe ao seu opressor, ao contrário, o oprimido considera a situação “natural” e inevitável (BOURDIEU, 2007, p.12).

⁵ O abjeto designa precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (BUTLER, 2000, p. 153).

[GÊNERO, SEXO E MATERIALIZAÇÃO DOS CORPOS]

A sexualidade consiste em uma construção sócio, política e cultural formada a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem “verdades” (LOURO, 2000, p. 8), portanto sujeita a relações de dominação (CARVALHO, 2004, p. 1). Segundo Foucault (1993), trata-se de um dispositivo⁶ histórico (preocupado com as sensações do corpo e a qualidade dos prazeres) constituído de quatro conjuntos estratégicos que produzem técnicas móveis de poder sobre o sexo, com o objetivo de controle da população, a saber: histerização do corpo da mulher (intensa análise do corpo feminino), pedagogização do sexo da criança (controle da sexualidade infantil, considerada, ao mesmo tempo, natural e perigosa), socialização das condutas de procriação (em âmbito econômico e médico) e psiquiatrização do prazer perverso (isolamento dos instintos sexuais patológicos, a

partir da classificação das condutas sexuais como normais e patológicas, a fim de medicá-los e normalizá-los).

Sendo assim, as múltiplas e distintas identidades sexuais e de gênero constituem os sujeitos ao passo que são interpelados a partir de diferentes situações, discursos, instituições e agrupamentos sociais. Reconhecer-se em uma identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Como somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes, tais identidades (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural.

De acordo com Carvalho (2004, p. 1), gênero é a construção histórica, social e cultural das diferenças baseadas no sexo. Trata-se de um conceito relacional, uma vez que masculinidade e feminilidade se definem por mútua oposição, inscrevendo-se numa relação de poder. Nesse sentido, o conceito de gênero ratifica que biologia não é destino, que ninguém é naturalmente homem ou mulher, masculino ou feminino, pois estes significados são socialmente construídos através do processo educacional que molda as identidades de sexo e gênero. Conseqüentemente, a construção e as expressões da masculinidade e da feminilidade

⁶ Conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (FOUCAULT, 1993, p. 244). São estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles, portanto um dispositivo está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre ligado, no entanto, a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam (ibid., p. 246).

são variáveis e plurais no espaço (conforme a classe social, religião, etnia, região) e no tempo (conforme a época histórica e a fase da vida individual).

Para Bourdieu (1999, p. 23), o gênero consiste em uma estrutura de dominação simbólica, pois os gêneros são um par de opostos que constituem uma relação de poder em que o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas. Nesse sentido, a diferença biológica entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros. Sendo assim:

As diferenças visíveis entre os órgãos sexuais masculino e feminino são uma construção social que encontra seu princípio nos princípios de divisão da razão androcêntrica, que condensa duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada (BOURDIEU, 1999, p. 23; 33).

As diferenças de sexo e gênero integram um conjunto de oposições – um sistema de relações homólogas e interconectadas: sobre/sob, fora/dentro, alto/baixo, aberto/fechado, ativo/passivo, vazio/cheio, úmido/seco, branco/negro, dia/noite, sol/lua, céu/terra, direito/esquerdo, masculino/feminino – que têm significado antropológico e cosmológico. Essas oposições se inscrevem nas estruturas objetivas e cognitivas: apresentam-se em estado

objetivado nas coisas, em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. A experiência do mundo social – a percepção da concordância entre as estruturas objetivas e as estruturas cognitivas – legitima a apreensão das arbitrárias divisões do mundo social como naturais, evidentes, ou seja, legitima a conversão da arbitrariedade social em necessidade da natureza (BOURDIEU, 1999, p. 17-22).

Essas diferenças de sexo e gênero são, portanto, produto de um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social exercido sobre os corpos e as mentes, um trabalho histórico de des-historicização, que inverte a relação entre as causas e os efeitos, e permite ver uma construção social naturalizada (os gêneros como *habitus*⁷ sexuais), como o fundamento

⁷ O conceito de *habitus* refere-se ao sistema de disposições adquiridas no processo de socialização primária. Consiste em uma capacidade cognitiva socialmente constituída, um sistema de esquemas de percepção, pensamento, apreciação e ação, produto da internalização dos princípios de um arbitrário cultural (BOURDIEU, 1999). São sistemas de disposições cognitivas e somáticas, modo de ser, estado habitual, especialmente do corpo, sujeito à inércia (resistência física à modificação de seu estado de movimento). Os *habitus* de gênero são, portanto, fruto da educação informal, de um trabalho pedagógico psicossomático de nomeação, inculcação e incorporação que se inicia no processo de socialização infantil e continua através de variadas e constantes estratégias educativas de diferenciação, no mais das vezes implícitas nas

in natura da arbitrária divisão que está no princípio não só da realidade, mas também da representação da realidade (BOURDIEU, 1999, p. 9-10).

O sexo, de acordo com Butler (2000, p. 151-152), é um dos principais fatores que transformam, através das dinâmicas sociais de construção, corpos físicos em corpos sociais. Consiste em um ideal regulatório que produz e governa os corpos, ou seja, que demarca-os, circula-os e diferencia-os. Sendo assim, o sexo não constitui uma condição estática do corpo, mas uma construção ideológica forçadamente materializada através do tempo pela atuação de normas regulatórias impositivas. Como a materialização do sexo é produzida através da reiteração forçada dessas normas, tal materialização nunca se completa e os corpos nunca se adaptam completamente às normas pelas quais sua materialização é imposta.

Essas normas regulatórias trabalham de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos, e, sobretudo, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual. Para Butler (op. cit., p. 152-153), a reformulação dessa materialidade está relacionada à remodelação da matéria dos corpos como efeito de uma dinâmica do poder; ao entendimento da performatividade não como o ato pelo qual o

práticas de vários agentes e instituições como a família, a igreja, a escola e os meios de comunicação (CARVALHO, 2004, p. 1).

sujeito traz à existência e aquilo que ela ou ele nomeia, mas como poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e constrange; à construção do sexo não como um dado corporal sobre o qual o construto do gênero é artificialmente imposto, mas como uma norma cultural que governa a materialização dos corpos; ao modo como se percebe o processo pelo qual uma norma corporal é assumida, apropriada, adotada: vê-la não como algo que se passa com um sujeito, mas como o sujeito (o “eu” falante) é formado em virtude de ter passado por esse processo de assumir uma sexualidade; e a uma vinculação desse processo de “assumir” uma sexualidade com a questão da identificação e com os meios discursivos pelos quais o imperativo heterossexual possibilita certas identificações sexuadas e impede ou nega outras identificações. Na medida em que se compreende o sexo em sua normatividade, a materialidade do corpo não pode ser pensada separadamente da materialização das normas regulatórias, pois o sexo não é simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é; ele é uma das normas pelas quais o alguém simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural.

Visto que os corpos ganham sentido socialmente, os membros de uma sociedade constroem seus corpos objetivando o enquadramento na masculinidade ou na feminilidade, ou seja, tentam moldar e usar

seus corpos para estar em conformidade com sua cultura ou com as expectativas de um determinado grupo étnico racial em relação ao modo como deve ser o corpo de uma mulher, o corpo de um homem, o de uma menina ou de um menino. Este entendimento nega as singularidades dos corpos, com suas diferentes formas físicas, tamanhos, forças e fraquezas (LORBER; MARTIN, 2001). Sendo assim, quando o corpo de uma pessoa contradiz as convenções sociais em relação ao peso, à altura, à forma ou à sexualidade, a sociedade em que ela está inserida considera-a uma pessoa sem autocontrole e autorrespeito. Em contrapartida, as pessoas, cujos corpos cumprem as convenções, são admiradas, valorizadas e elogiadas, uma vez que alcançaram os ideais a serem seguidos.

A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas

de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, (...) pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2000, p. 9).

Na medida em que os corpos são governados por normas regulatórias que têm a finalidade de assegurar o funcionamento da hegemonia heterossexual na formação daquilo que é legitimamente considerado como um corpo viável, o processo de materialização do sexo deforma os corpos homossexuais. A promoção da heterossexualidade como a única sexualidade “natural” leva, pois, os membros da sociedade heteronormativa a enxergar o indivíduo homossexual com repugnância (PRECIADO, (s/d)), a ignorar seus desejos e a desvalorizar a fala sobre si mesmo, como se sua identificação de gênero não importasse, suficientemente, para que ele próprio pudesse escolher livremente seu(s) parceiro(s).

[O CORPO DE TIO BAU E AS PRESSÕES SOCIAIS]

No conto, o corpo de tio Bau, uma vez que não se adequa à estrutura heteronormativa imposta pela sociedade, é legitimamente considerado:

i. um corpo que pesa:

Nunca pensei que galho de cajueiro fosse tão forte a ponto de aguentar um corpão como o do meu tio. Se ele

tivesse pensado bem, não teria se arriscado tanto (p. 26) / Cinco ficaram aguardando para amortecer a queda, porque segurar o corpo de tio Bau ninguém ia conseguir mesmo. Quando o do alto cortou a corda, foi um baque só (p. 27) / Já mais calma, foi chamar uma carroça (p. 27) / Era mesmo uma galha muito forte, capaz de aguentar um outro corpo que não fosse ainda tão pesado como o dele (p. 28).

- ii. um corpo que não vale a pena proteger:

Quem arriou o corpo dele foi um grupo de homens. Um subiu no cajueiro, os outros dizendo: ‘cuidado pra não quebrar a cara dele’, ‘vai ser a primeira vez que ele vai cair por cima’, como se o morto fosse um cachorro sem dono (p. 27) / Tio Bau não tinha um pé de pessoa a quem recorrer em suas horas de crise (p. 26) / Veio um monte de mulher pra costurar a mortalha feita de pano ruim, que de tão rala dava pra ver o outro lado (p. 27).

- iii. um corpo que não vale a pena prantear:

Houve um começo de riso e as pessoas foram se afastando até só restar eu e minha mãe (p.27) / O resto da tarde foi uma festa só (p. 27) / Na ausência de minha mãe, elas ficavam só falando porcaria, contando histórias de tio Bau... (p. 28) / O enterro foi muito animado, o povo falando coisas cabeludas, agora sem mais nenhuma cerimônia. Tiravam graça com tudo o que era menino, perguntando qual deles era o verdadeiro viúvo (p. 28) / (...) cortejo foi minguido e na hora mesmo de cobrir o caixão só tinha eu, minha mãe e o coveiro (p. 28) / (...) a gritalhada da janela ainda foi maior (p. 28).

Considerando que as práticas corporais produzem corpos que seu grupo social considera adequadamente “masculino” ou “feminino”, o corpo de Bau, uma vez que não se enquadra no modelo de masculinidade hegemônica, é considerado um anátema, um corpo abjeto (corpo cuja vida não é considerada vida e cuja materialidade é entendida como não importante), deformado: “Correu a história que ele tinha uma “piroquinha” de criança que não metia medo nem em moça donzela” (p. 28). Como tal

estrutura considera a heterossexualidade como a única sexualidade “normal” e “pura”, a sociedade enxerga Bau (um indivíduo supostamente homossexual) com desprezo: “Quando chegamos lá, tinha um mundo de gente olhando tio Bau com a língua de fora, os pés suspensos no ar” (p. 26); e escárnio: / “(...) ‘vai ser a primeira vez que ele vai cair por cima’” (p. 27)” / “(...) tio Bau não podia sair à rua sem ver um cortejo de meninos atrás dizendo um monte de safadeza (p. 27).

Embora a sociedade insinue que Bau é *gay*, por meio de alusões com conotação sexual, como: *tinha piroquinha de criança* (de acordo com os estereótipos socialmente construídos, os homossexuais têm, geralmente, pênis pequeno, uma vez que se acredita que, quanto maior o pênis, maior a masculinidade), *seria a primeira vez que ele iria cair por cima* (de acordo com a ideologia heteronormativa, os homossexuais, em uma relação sexual, geralmente se posicionam embaixo do “parceiro”)⁸ e *tinha mania de chamar menino pra dentro de casa e depois dava a eles as melhores goiabas* (na região Nordeste, especificamente no estado de Sergipe, o vocábulo goiaba, além de referir-se à fruta, também se refere, conotativamente, ao “ânus (alusão com conotação sexual), logo pode-se inferir que o protagonista dava

⁸ O posicionamento *em cima/embaixo* está relacionado às noções de *atividade/passividade* nas interações sexuais, noções essas que definem a identidade de gênero do sujeito (PARKER, 2000, p. 131).

goiabas (frutas) aos meninos que adentravam sua casa, tinha relações sexuais com estes ou que as goiabas (frutas) eram a forma de pagamento das relações sexuais com os meninos), não se tem certeza de sua homossexualidade porque os fatos são narrados por uma criança, um indivíduo em desenvolvimento mental, moral e social, cuja perspectiva é bastante limitada: o narrador narra e descreve apenas aquilo que consegue ver e ouvir.

Como a produção eficiente da masculinidade heterossexual depende da separação obrigatória de genitalidade e analidade (PRECIADO, (s/d)), o fato de Bau dá goiabas aos meninos (considerando que o termo goiaba, em Sergipe, também pode referir-se alusivamente ao ânus) denota uma transgressão da lógica heteronormativa, protestando contra um modelo de masculinidade hegemônica em que a prática sexual anal é tida como desviante (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). O fato do protagonista depilar-se: “Tio Bau não tinha nem um fio de cabelo nem no peito nem no rosto” (p. 28) também se mostra como uma prática transgressora da masculinidade, pois geralmente se associa o hábito de depilar-se ao padrão de feminilidade estabelecido.

Com base nas evidências supracitadas, percebe-se que o protagonista foi julgado, discriminado, ridicularizado pela sociedade heteronormativa: “(...) todos ali tinham culpa em cartório, que não tinha um só que não tivesse um dia atirado uma pedra em

tio Bau” (p. 27), e condenado à solidão (o próprio título revela esta condição de Bau: “Meu tio tão só”) como se não tivesse o direito de escolher, caso fosse homossexual, seu(s) parceiro(s): “Tio Bau não tinha um pé de pessoa a quem recorrer nos momentos de crise (p. 26). Seus desejos foram desrespeitados e silenciados, e seu corpo, por não se emoldurar na estrutura heteronormativa que apregoa a heterossexualidade como a única sexualidade “natural”, foi visto com repugnância.

Nessa perspectiva, observa-se que Bau sofreu quatro formas de violência: a moral, representada pelas agressões verbais (injúrias à sua reputação) que sofria e suportava calado; a psicológica, representada pela degradação e controle de suas ações, comportamento, desejos e sentimentos, através das constantes humilhações e do atroz isolamento ao qual estava submetido; a simbólica, retratada na interiorização, sem contraposição, do padrão de masculinidade imposto pelos membros da cultura dominante, ou seja, da comunidade; e a física, que se reflete no suicídio: destruição do próprio corpo como a única estratégia de resolução de todos os problemas e angústias, como o escape às imposições sociais (aos critérios de masculinidade exigidos aos quais seu corpo não se adequava), ou seja, como o único meio de alcançar a liberdade.

Sendo assim, Bau se suicidou porque não suportou a solidão e porque seu corpo não se adaptou completamente às normas

regulatórias: as pressões sociais que tentavam insistentemente demarcar e diferenciar seu corpo. Logo, foram os membros da sociedade heteronormativa quem o levou à morte; foram

eles os verdadeiros culpados pelo seu enforcamento.

[A TRANSPOSIÇÃO DO REGIONAL]

O regionalismo, como tendência literária tanto quanto movimento, constitui um fenômeno universal, ora mais, ora menos atuante; um processo histórico dentro do qual há continuidades e rupturas, com implicações que extrapolam os limites do sistema literário. Enquanto movimento, consiste na manifestação de grupo de escritores que, programaticamente, defendem sobretudo uma literatura que retrata uma certa região rural, em oposição aos costumes, valores e gostos citadinos, principalmente das grandes capitais. Como tendência, tem o propósito de aproximar solidariamente o leitor citadino ao homem pobre do campo, auxiliando-nos a destruir preconceitos, a respeitar a diferença e a alargar nossa sensibilidade ao descobrir, por conseguinte, a humanidade do outro de classe e de cultura (CHIAPPINI, 1995, p. 154).

Impulsionada pelo gosto da descrição local (costumes, valores e linguagem típicos do homem rural) e pelo sentimento do exótico (exaltação da natureza (fauna e flora) campesina), a tendência regionalista atravessa toda a história do sistema literário brasileiro, agregando ao seu conceito noções como

“localismo”, “pitoresco” e “bairrismo”. Desse modo, podemos considerar o sentimento regionalista como uma das dominantes construtivas tanto do romance romântico brasileiro quanto de momentos decisivos da formação da moderna tradição literária.

Como um fator dinâmico, a noção de regionalismo reside no campo extraliterário e se constrói historicamente, contudo tem sido imprescindível à vida literária do país, com manifestações significativas nos dois momentos decisivos da literatura brasileira: o Romantismo e o Modernismo (ARAÚJO, 2008, p. 120).

Muitas obras dessa tendência, uma vez que são estreitas, esquemáticas, pitorescas, superficiais, são condenadas ao isolamento, “ao beco”. Contudo, há obras que conseguem superar tais dificuldades e adquirem, por conseguinte, o estatuto de obras-primas, ou seja, obras tão ou mais significativas esteticamente quanto qualquer romance ou conto urbano com pretensão cosmopolita. Para afirmar a universalidade de uma obra regionalista, é preciso descrever como ocorre a superação dos limites da tendência, de dentro dela mesma, pela

potencialização de suas possibilidades artísticas e éticas, ou seja, é preciso que o autor crie uma linguagem que supra, com verossimilhança, a assimetria radical entre o escritor e o leitor citadino, humanizando-o em vez de aliená-lo quanto ao tema e ao homem rural representado. Nesse sentido, para transpor o regional, a obra não pode distanciar preconceituosamente o leitor do homem do campo. Para tanto, é necessário “estabelecer pela arte uma ponte amorosa que lhe permita sair dos seus guetos citadinos, comunicando-se com e aprendendo sobre outros tantos becos deste mundo” (CHIAPPINI, op. cit., p. 155).

Embora a presença de elementos “pitorescos”, “exóticos” como: *carroça para transportar o corpo do defunto* (que simboliza ausência de industrialização (de automóveis) e pressupõe a presença de animais típicos do campo como cavalos e mulas), *cajueiro na beira do rio* (árvore típica da região nordeste, especificamente do estado de Sergipe), *goiabeira* (que pressupõe pomar), *estrada de areia quente* (que denota local sem asfalto), *buchada com fava* e *sarapatel* (comidas típicas da região nordestina), *mortalha costurada em casa pelos amigos e vizinhos* (costume próprio de pessoas campesinas) evidenciem que os acontecimentos do conto “Meu tio tão só” ocorrem em uma pequena cidade ou em um pequeno povoado e que as personagens são residentes no interior (lugar onde o peso dos costumes tradicionais torna mais obscura a ideia de individualidade), o autor, através da perspectiva de uma criança e de uma

linguagem incisiva como uma lâmina, perspicaz que presentifica os fatos, as personagens e os sentimentos (não só os que se explicitam, mas também os que somente se insinuam em um gesto, em um olhar ou em um esboço de ideia que o próprio personagem não desenvolveu), revela ao leitor citadino que as práticas discursivas adotadas por aquela comunidade rural acerca da concepção de masculinidade são semelhantes ou iguais às defendidas e propagadas, cotidianamente, pelas masculinidades hegemônicas globais: ambas desrespeitam, rejeitam, desprezam, agridem verbal ou fisicamente, e exterminam os corpos homossexuais. Essa revelação aproxima o leitor (independentemente de sua vontade) de um tema polêmico e universal: a tentativa de extermínio dos indivíduos que se relacionam sexualmente com pessoas do mesmo sexo praticada, diariamente, em todos os continentes e regiões do planeta, pela sociedade heteronormativa em prol da “preservação” da masculinidade hegemônica; e leva-o a refletir acerca de suas convicções em relação ao que considera masculino e feminino, bem como sobre a imposição das normas regulatórias que consideram a heterossexualidade como a única sexualidade “normal” e que marginalizam e aniquilam, conseqüentemente, os corpos dos indivíduos que não se enquadram no estrutura heteronormativa ou que não se adaptam a materialização de tais normas.

Na medida em que essa narrativa consegue estabelecer pela linguagem uma

ponte temática entre o leitor e o protagonista, transpõe as fronteiras do “pitoresco”, do “localismo, ou seja, a descrição das práticas discursivas de uma masculinidade hegemônica exclusivamente regional ou local, sai do “beco”

ao qual muitas obras regionalistas estão condenadas, afirma sua universalidade e adquire o estatuto de obra-prima da literatura brasileira contemporânea.

[CONSIDERAÇÕES FINAIS]

Esse conto, narrado por um indivíduo em desenvolvimento físico, mental, moral e social, retira as máscaras que ocultam o verdadeiro caráter e as ações da sociedade heteronormativa, e expõe o drama (a solidão, a exclusão, a angústia, o desespero e o desrespeito) vivenciado pelos *gays*. Revela que, muitas vezes, o isolamento é a única arma dos homossexuais contra o preconceito, contra a rejeição; que o sexo não consiste em uma condição estática do corpo, mas uma construção ideológica que controla os corpos; que a sociedade marginaliza e, muitas vezes, extermina os indivíduos cujos corpos não se adequam às normas regulatórias que garantem a propagação da superioridade heterossexual; que os membros da estrutura heteronormativa, uma vez que moldam seus corpos objetivando o enquadramento na masculinidade ou na feminilidade, desprezavam as sexualidades desviantes e ignoram o direito dos homossexuais escolherem, livremente, seus parceiros; e que a destruição do próprio corpo constitui um

meio a que muitos *gays* aderem para escapar das pressões sociais.

Essa narrativa revela, portanto, que o sexo, enquanto ideal regulador que produz e governa os corpos, é o principal responsável pela exclusão, sofrimento e extermínio dos homossexuais. Tendo em vista que uma das funções da literatura é retratar a realidade, faz-se necessário reformular, urgentemente, as normas regulatórias que asseguram e difundem o modelo de masculinidade hegemônica, que despreza, desrespeita, deforma, marginaliza e aniquila as sexualidades desviantes, pois “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 2012 [1988], art. 5, p. 8). Isto significa que os corpos homossexuais, assim como os heterossexuais, têm direito à vida, à liberdade, à igualdade e à segurança, ou seja, que os indivíduos homossexuais têm o direito de serem respeitados e de escolherem com quem se relacionar, casar-se (união civil) e constituir família. O casamento entre pessoas do mesmo sexo foi legalizado, no Brasil, em 2013, por

meio da Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013, que “dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo”. O direito de constituir família, entretanto, está sendo garantido paulatinamente. Considerando que a Constituição Federal não faz distinção entre casais heterossexuais e homossexuais, o Supremo Tribunal Federal reconheceu, recentemente, o direito de adoção de crianças por casais *gays*.

Para reformular as normas regulatórias que disseminam a exclusão das sexualidades desviantes do padrão socioculturalmente estabelecido, é necessário enxergar os indivíduos homossexuais como sujeitos que pensam, atuam, trabalham e consomem como qualquer outro cidadão. Além disso, convém criar uma estratégia que rompa os limites identitários impostos pela tecnologia de gênero, uma vez que esta pressupõe que todas as identidades, sexuais e de gênero, possuem papéis sociais pré-definidos; ou seja, é preciso substituir o contrato sexual centrado na heterossexualidade, que legitima a sujeição de uns corpos sob os outros, pelo contrato da contrassexualidade⁹, onde os corpos não mais

⁹ A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, mas sim o fim da natureza como ordem que legitima a sujeição de uns corpos sob os outros; é uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado, cujas performatividades normativas têm sido inscritas nos corpos como verdades biológicas

se reconheceriam a si mesmos como “homens” ou “mulheres”, “masculino” ou “feminino”, “heterossexual” ou “homossexual”, mas sim como corpos falantes (PRECIADO, 2002, p. 10).

Para alcançar o objetivo supracitado, também se faz necessário promover rupturas no modo de pensar das pessoas, principalmente na fase inicial da vida, para que os preconceitos, quaisquer que sejam (de raça, gênero, classe), possam ser rompidos, pois, desde a infância, somos educados a seguir rigidamente determinados padrões no que diz respeito à nossa sexualidade. As meninas devem cultivar a simplicidade e o pudor, e devem ser educadas para constituir família, cuidar do lar e dos filhos, servir e agradar o marido. Os meninos, no entanto, devem demonstrar força, coragem, agilidade e virilidade, devem gostar de praticar esportes que exigem resistência física, e devem ser educados para se tornarem patriarcas (chefe do lar). Quando os corpos das meninas e dos meninos não se adequam a tais padrões, ou

(BUTLER, 2003). Nesse contexto, trata-se de uma teoria do corpo que se posiciona fora das oposições do masculino/feminino, homo/heterossexual; que define sexualidade como tecnologia e vê os elementos diferentes do sistema de gênero/sexo como “homem”, “mulher”, “homossexual”, “heterossexual”, “transexual” e as suas práticas e identidades sexuais como máquinas, produtos, ferramentas, aparelhos, engenhocas, próteses, chaves, leis de circulação, fronteiras, necessidades, modelos, lógicas, equipamentos, formatos, acidentes, lixo, mecanismo, esforços, re-dedicação (devoção) (PRECIADO, 2002, p.11).

seja, quando apresentam características atribuídas socialmente ao sexo oposto, são, desde cedo, discriminados, violentados e marginalizados, pois são vistos como sexualidades desviantes.

As distinções e expectativas atribuídas a meninas e meninos são encontradas em vários campos do conhecimento (filosófico, religioso, pedagógico, médico, literário), bem como em diversas instituições sociais, especialmente, na escola, por meio de regimentos, da organização dos espaços e da distribuição do

tempo (FELIPE, 2000, p.116). O processo de escolarização está, pois, diretamente relacionado ao controle dos corpos, impondo, assim, uma série de comportamentos, hábitos, atitudes, que, em determinado tempo histórico e espaço social, são considerados mais condizentes à formação das crianças e dos adolescentes.

A literatura denuncia, critica, questiona e problematiza. Todavia, cabe ao leitor pensar e buscar possíveis soluções.

[REFERÊNCIAS]

ARAÚJO, H. H. Tradição do Regionalismo na Literatura Brasileira: do pitoresco à realização inventiva. **Revista Letras**, Curitiba: Editora UFPR, v. 74, n. 1, p. 119-132, jan./abr. 2008.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **Economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 36. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 2012. p.103.

_____. Resolução (2013). **Resolução nº 175**. Brasília, DF: Secretaria Geral: Secretaria Processual, 14 de maio de 2013. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%C3%A7%C3%A3o_n_175.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-172.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMINHA, A. **Bom-crioulo**. São Paulo: Martin Claret, 2003 [1895].

CÂNDIDO, A. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987. In: ARAÚJO, H. H. Tradição do Regionalismo na Literatura Brasileira: do pitoresco à realização inventiva. **Revista Letras**, Curitiba, v. 74, n. 1, p. 119-132, jan./abr. 2008.

CARVALHO, M.E.P. Pierre Bourdieu sobre gênero e educação. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 1, n. 1, dez 2004. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/viewFile/2364/2068>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

CHIAPPINI, L. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 153-159, 1995.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, v.21, n.1, p. 241-282, mai. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

65

FELIPE, J. Infância, gênero e sexualidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 115-131, jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/48688/30332>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

LORBER, J. & MARTIN, P. Y. The socially constructed body: insights from feminist theory. In: KVISTO, P. **Illuminating Social Life: Classical and Contemporary Theory Revisited**. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 2001, p. 183-206.

LOURO, G. Pedagogias da Sexualidade. In: _____ (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7-34.

MOTT, L. Homoafetividade e direitos humanos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 248, mai./ago. 2006.

PARKER, R. Cultura, economia política e construção social da Sexualidade. In: LOURO, G. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 125-150.

PEREIRA, P.P.G. Body, sex and subversion: reflections on two queer theoreticians. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 12, n. 26, p. 499-512, jul./set. 2008

PRECIADO, B. **O Manifesto Contrassexual**. Madri: Editora Opera Prima, 2002.

_____. **Basura y Género. Mear/Cagar. Masculino/Feminino**. (s/d). Disponível em: <www.hartza.com/basura.htm>. Acesso em: 22 jan. 2015.

PRINS, B; MEIJER, I. C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. 2002.

VIANA, A. C. **O meio do mundo e outros contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

THE HOMOSEXUAL BODY AND THE UNIVERSAL REGIONALISM IN *MEU TIO TÃO SÓ*

Abstract:

The present work aims to discuss, in the light of the plot of the short story *Meu tio tão só*, of Antônio Carlos Viana, inserted in the literary work *O meio do mundo e outros contos*, published in 1999, the mode as the body allegedly homosexual of the personage Bau is built and controlled by the regulatory standards imposed by the heteronormative contemporary society.

Keywords: Body, Homosexuality, Regionalism.

